

---

## OS SIGNIFICADOS DO TURISMO COMUNITÁRIO INDÍGENA SOB A PERSPECTIVA DO DESENVOLVIMENTO LOCAL: O CASO DA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO TUPÉ (AM)

Rafael Angelo Fortunato<sup>1</sup>  
Lucas Siqueira Silva<sup>2</sup>

---

Recebido em 14/05/2011  
Aprovado em 10/06/2011

---

<sup>1</sup> SENAC-RIO. Doutorando em Meio Ambiente. [fortrafa@hotmail.com](mailto:fortrafa@hotmail.com)

<sup>2</sup> CEDERJ. Mestrando em Ciência Ambiental. [lucas.siqueira@gmail.com](mailto:lucas.siqueira@gmail.com)

---

### RESUMO:

O presente artigo tem por finalidade analisar o conceito de desenvolvimento local e sua relação com o turismo. Para isso, apresenta-se um estudo de caso da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé, localizada no estado do Amazonas. Para realização da pesquisa, acompanhou-se, durante nove dias, o contato entre turistas e população local; levando à produção de entrevistas semiestruturadas que abordam a organização da comunidade em relação ao turismo e às experiências dos visitantes. Desta forma, o trabalho está dividido em quatro partes. Na primeira, descrevem-se as especificidades da Reserva e, conseqüentemente, como o Turismo é organizado pela população local. Na segunda, trabalha-se o conceito de autenticidade no Turismo. Já na terceira, discute-se o turismo comunitário indígena e suas ligações com o desenvolvimento local. Na última parte, com as informações obtidas em campo, elencam-se unidades de significado, as quais traduzem as principais características da atividade turística na Reserva do Tupé.

### PALAVRAS-CHAVE:

Turismo; populações originárias; desenvolvimento local.

## 1. INTRODUÇÃO

A prática do turismo vem se tornando uma realidade cada vez mais presente na vida de comunidades tradicionais que não vislumbravam a possibilidade de ter nesse tipo de atividade uma fonte de recursos para sua sobrevivência. Conseqüentemente, constrói-se um novo segmento do mercado turístico que trabalha as potencialidades dos povos originários tornarem-se reconhecidos como importantes na sociedade contemporânea.

Nesse contexto insere-se a comunidade indígena da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Tupé (AM) que promove danças tradicionais indígenas para apresentar aos turistas. A “Maloca”, na qual é realizado o ritual, “funciona” há cerca de 10 anos.

Desse modo, analisa-se o significado do turismo em áreas indígenas tanto para quem recebe e organiza a atividade, quanto para aqueles que a praticam. Parte-se da premissa que o turismo em terras indígenas é capaz de promover o desenvolvimento local por meio da valorização do

patrimônio natural e cultural. Destacam-se as potencialidades endógenas do território e dos atores que o compõem.

O turismo em territórios indígenas é um tema bastante controverso, em que se podem visualizar duas correntes de pensamento. Por um lado, sinaliza-se para os indígenas como vítimas da exploração do mercado turístico global, sofrendo consequências negativas, como a descaracterização cultural e a degradação do seu patrimônio natural.

Por outro, indica-se que o turismo realizado nesses territórios se torna um campo de negociação, uma arena turística, na perspectiva de Grunewald (2001), em que as comunidades modelam-se no processo dialógico com o mercado turístico, submetendo-se a gestão da atividade aos seus critérios e as suas visões de mundo com intuito de assegurar sua sobrevivência e saciar seus desejos no seio de uma sociedade de consumo.

Para realização da coleta de dados trabalhou-se com a observação participante. Um dos pesquisadores passou nove dias hospedado na comunidade. Nos primeiros três dias pagou uma diária pela alimentação e nos outros dias passou a ser chamado de professor e não pagou mais sua estadia, pois começou escrever um projeto para captação de recursos para serem investidos no campo do turismo, já que estavam se organizando em forma de associação. Eram realizadas em média quatro apresentações diárias atraindo um total de cinquenta visitantes. Em nove dias de convívio cerca de 500 turistas passaram pela comunidade.

Nesses nove dias, trabalhou-se também com entrevistas semi-estruturadas, tanto com os turistas quanto com os indígenas. Partiu-se das seguintes questões norteadoras: “o que você pensa sobre o turismo na comunidade?” e “Como foi/é sua experiência?”.

Para análise dos dados buscou-se orientações no campo da fenomenologia, em que se pretendeu apreender a essência do fenômeno (Husserl, 2008) por meio da descrição dos casos ocorridos no campo de pesquisa. Sob essa perspectiva teórica, depois desta etapa

O pesquisador, ao ler os discursos do sujeito é orientado por um sentido, por uma busca de significados que ele intui ou detecta. As proposições ontológicas e epistemológicas representam as concepções sobre o fenômeno. As percepções que os sujeitos têm da sua experiência vivida passam a constituir os dados da pesquisa ou as “unidades de significado” que compõem os elementos estruturais do fenômeno (Machado, 1994, p.45).

As unidades de análise elencadas foram: impressões do primitivo e desejo do “autêntico”, desenvolvimento local e a valorização da cultura, comparações entre os modos de vida e admiração, ritual no ritmo do capital, a migração dos povos indígenas, geração de renda e qualificação profissional e trocas de experiências e sentimentos de “bem-estar”.

Na primeira parte do artigo, apresenta-se a comunidade do Tupé e a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) na qual estão inseridos. A seguir, trabalha-se com a questão da

autenticidade no campo do turismo, ressaltando a importância do imaginário do “ser indígena” para conformação da arena turística. Para completar os aspectos teóricos que darão suporte a análise, trabalha-se com as potencialidades do desenvolvimento local inspirando-se no turismo de base comunitária.

O artigo apresenta-se de grande relevância devido aos poucos estudos no Brasil que relacionam turistas e as comunidades indígenas. Percebe-se neste campo uma negociação particular, portanto, sugere-se a utilização do termo turismo comunitário indígena.

## **2. SOBRE A COMUNIDADE DA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO TUPÉ E O TURISMO COMUNITÁRIO INDÍGENA**

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável<sup>1</sup> (RDS) do Tupé está localizada na margem esquerda do Rio Negro, cerca de uma hora de barco do centro urbano de Manaus. A Unidade de Conservação (UC) foi criada pelo Decreto n.º 8044/2005, instituído pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente do município.

Neste local funcionam dois centros culturais criados pelos próprios indígenas com a intenção de preservar e resgatar o patrimônio dessa população. Um destes centros, estudado neste artigo, é composto por cinco famílias, sendo elas das seguintes etnias, Dessana, Tukana, Tuyuca, Wanana e Tatuia.

Já a reserva do Tupé como um todo é composta por cerca de 40 famílias. No local existe uma escola que oferece ensino até o nono ano do ensino fundamental, mas existem poucos professores e muitos não querem permanecer na comunidade, tornando o ensino sazonal. Para cursar o ensino médio os adolescentes têm que se deslocar para Manaus, o que muitas vezes torna a continuidade dos estudos inviável.

Apesar dos avanços do programa do governo denominado de “Luz para Todos”, a localidade ainda não tem energia elétrica e os moradores precisam utilizar geradores movidos a gasolina para obter eletricidade.

A comunidade conta com um posto de saúde, no entanto, seu funcionamento segundo os mesmos, é precário e existem médicos apenas uma vez ao mês. No que tange ao saneamento básico, não contam com rede de esgoto nem com água encanada.

---

1 De acordo com o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (2000) uma Reserva de Desenvolvimento Sustentável é uma área natural que abriga populações tradicionais, cuja existência baseia-se em sistemas sustentáveis de exploração dos recursos naturais, desenvolvidos ao longo de gerações e adaptados às condições ecológicas locais e que desempenham um papel fundamental na proteção da natureza e na manutenção da diversidade biológica.

Os “lagos” (igarapés) que circundam a localidade oferecem a água necessária para as necessidades cotidianas como cozinhar, lavar roupa, entre outras. Alguns moradores trabalham com pequenos roçados e cultivam principalmente macaxeira. O peixe e os recursos da floresta são capazes de garantir a sobrevivência da população, porém com muita precariedade, pois os hábitos de caça, pesca e roçado já não fazem parte do cotidiano da comunidade.

Tendo em vista algumas dificuldades encontradas para o trabalho com a terra, imposta pela implantação da unidade de conservação, segundo os moradores, a melhor opção passou a ser o turismo.

A preservação do patrimônio indígena é de extrema relevância, pois os índios brasileiros sofreram grandes pressões por parte de uma cultura alheia a seu mundo simbólico e ainda hoje vem passando por grandes dificuldades para manter minimamente seu padrão de vida.

De acordo com as Nações Unidas (2002), os povos indígenas contribuem de forma significativa para a diversidade biológica e cultural do planeta, pois ao passo que representam 5% da população mundial, detém 80% da diversidade cultural do planeta e 80% de toda biodiversidade encontra-se em seus territórios, além disso, 65% dos vegetais consumidos pela população mundial são cultivados pelos indígenas e 60% dos medicamentos a base de plantas foram descobertos graças aos conhecimentos ancestrais desses povos.

Maldonado (2009, p.29) enfatiza que

Os povos indígenas possuem um caráter específico na medida em que são portadores de valores, de significado e de identidade histórica. A proteção e valorização de seus patrimônios revestem um interesse excepcional à humanidade por ser parte de um legado universal: a riqueza cultural e a biodiversidade de seus territórios representam uma preciosidade em nosso planeta.

Nesse sentido, sabe-se que seus conhecimentos sinalizam para uma maior consciência no que se refere ao relacionamento do homem com a natureza por meio do que se convencionou chamar de tecnologias sociais, ou seja, modo de produção e consumo alternativos as “lógicas predominantes”.

O turismo na comunidade está em expansão e sofre influencia da visitação que ocorre na Praia do Tupé. Desse modo, transformou-se um bem imaterial (a cultura) e sua exposição em fonte de renda para comunidade.

As apresentações consistem em um ritual de recepção utilizando um instrumento chamado de Tarussu ou Carisso. Num segundo momento apresenta-se a dança do Deus do som, a dança de Japurutu, que utiliza dois instrumentos representando macho e fêmea. A terceira dança é denominada de Capyuaia que significa o aparecimento de varias línguas e vários povos indígenas. Num quarto momento, apresenta-se a dança de Maracá representando a lembrança do primeiro

mundo para o mundo atual e a última dança de confraternização convida a comunidade visitante para participar do ritual de despedida.

Tal como salienta Grunewald (2001, p. 133) em sua pesquisa junto aos índios da etnia pataxó no sul da Bahia, o turismo pode fortalecer o patrimônio cultural indígena, pois

Em vez de o turismo agir de modo degradante sobre a cultura indígena, age de modo contrário, fazendo os pataxós emergir de forma diferenciada na região, e proporcionando, mesmo que indiretamente, uma produção cultural indígena recente e instrumental, que visa à construção de traços culturais constituinte da identidade étnica e que os mostra não como índios aculturados, mas como sujeitos criativos e inventivos que geram sua própria cultura com base em elementos seletivamente acionados e articulados a partir de origens diversas.

Diante do exposto, abre-se um campo de possibilidades para pensar que nos olhares de alguns turistas está o padrão do “índio ideal”, que são reconhecidos como sujeitos importantes por alguns turistas que visitam a localidade. Têm-se, portanto, uma oportunidade para a identidade ancestral indígena tornar-se resignificada, apresentando-se como um produto turístico.

### **3. A IDEIA DE AUTENTICIDADE NO CAMPO DO TURISMO**

A questão da autenticidade é um tema muito discutido no campo do turismo, pois “o autêntico” desperta crescente desejo e procura por parte dos turistas. Sendo o turismo comunitário indígena um encontro étnico, ele remete diretamente a essa questão, tratada de modos variados por diferentes autores.

MacCannell (1976) vê certas atividades que ocorrem no âmbito do turismo como atividades encenadas, já Van Den Bergue (1994, p.16)<sup>2</sup> afirma que “a presença de turistas introduz uma nova dimensão aos sistemas preexistentes de relações étnicas”.

Burns (2002, p.52) complementa que “a própria existência do turismo elimina a possibilidade de experiência cultural autêntica”. Por sua vez Boorstin (1992) defende a ideia de que o turismo é uma forma de experiência empacotada, que serve para prevenir o contato real com os outros, um modo manufaturado, trivial, inautêntico de ser.

Percebe-se que os turistas podem “moldar” algumas tradições, assim como salientam Van Den Bergue (ibid) e Burns (ibid), uma vez que o morador local preocupa-se, sobretudo, em atender a expectativa do turista.

No entanto, quanto a essa questão, adota-se a posição de Cohen (1988), que faz uma crítica à visão de que o turismo envolve atividades encenadas, indicando que, afinal, qualquer vivência cultural implicaria “encenação”, e colocando que existem diferentes formas de experiência turística.

---

<sup>2</sup> The presence of tourists introduces a new dimension to preexisting systems of ethnic relations.

Pensa-se, então, a “autenticidade” não como um fenômeno em si, mas sim como uma construção social, que pode ser negociada. A ideia da “autenticidade” parece ser um componente forte no universo de muitos tipos de turistas: a expectativa de encontrar “o autêntico”.

Percebe-se que as relações interculturais, caracterizada pela ideia de autenticidade ganha grande relevância na medida em que configuram novas alternativas econômicas para as comunidades indígenas visando o “fortalecimento” da sua identidade. Deste modo, a cultura torna-se um bem econômico para o desenvolvimento local por meio do turismo (Azevedo, 2002).

#### **4. O TURISMO COMUNITÁRIO INDÍGENA E A QUESTÃO DO DESENVOLVIMENTO LOCAL**

A partir da segunda metade do século XX, o deslocamento turístico se popularizou em função do desenvolvimento tecnológico, aumento do tempo livre e prosperidade econômica dos países do hemisfério norte, permitindo que os turistas alcançassem lugares mais distantes e entrassem em contato com comunidades “tradicionais”, diante disso o turismo passa a se configurar como uma atividade econômica em potencial para essas populações.

Segundo dados da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR, 2008), o número de chegadas de turistas ao redor do mundo foi da ordem de 900 milhões movimentando cerca de 850 bilhões de dólares.

Apesar dos números expressivos, é importante ressaltar que os benefícios econômicos provenientes da atividade turística nem sempre são suficientes para proporcionar às comunidades receptoras melhorias na sua condição de vida (CORIOLANO, 2009).

Muitos países portadores de atrativos turísticos relevantes e elevados níveis de visitação, possuem Índices de Desenvolvimento Humano (IDH)<sup>3</sup> irrisórios, pois todo o processo turístico se concentra nas mãos das corporações que dominam o setor. Essa situação ocorre, pois

Alguns países de terceiro mundo buscam no turismo a saída para o crescimento econômico, sem as devidas avaliações dos custos dessa decisão. Do que foi analisado, verifica-se que o desenvolvimento, por um lado, favorece o turismo, não sendo, de outro tão evidente que o turismo promova, por si, o desenvolvimento. (Rabahy, 2003, p.28)

---

3 De acordo com a definição do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o IDH parte do pressuposto de que para aferir o avanço de uma população não se deve considerar apenas a dimensão econômica, mas também outras características sociais, culturais e políticas que influenciam a qualidade da vida humana.

Portanto, questiona-se o modelo turístico “convencional” e sua capacidade real de proporcionar benefícios para as comunidades locais e atender as diretrizes éticas propostas pela Organização Mundial do Turismo (OMT), na qual “comunidades locais se associarão às atividades turísticas e terão uma participação equitativa nos benefícios econômicos, sociais e culturais que referem, especialmente na criação direta e indireta de emprego que ocasionem” (OMT, 1999, p.6).

Neste sentido, trabalha-se na perspectiva do desenvolvimento endógeno, que se caracteriza pela produção orientada pelos valores locais, minimizando as agressões à base natural de recursos e reduzindo a dependência econômica de externa

Uma alternativa capaz de proporcionar a possibilidade de desenvolvimento endógeno e inclusão das comunidades receptoras é o chamado turismo comunitário, que surge como uma reposta à lógica dominante da massificação e da elitização do turismo em nível mundial. (ZAOUAL, 2009)

O surgimento desse tipo de turismo remonta à década de 1980, devido à necessidade de diversificação dos destinos turísticos em face à exigência de uma demanda a procura por novas modalidades de turismo, dentre as quais se destacam o turismo cultural e o turismo de natureza.

Dessa forma, o mercado turístico passou a pressionar as comunidades residentes em locais com rico patrimônio natural e que possuem manifestações culturais únicas, no sentido de transformá-los em produtos viáveis.

ONGs e instituições internacionais atuaram com o objetivo de convencer um grande número de comunidades a receberem turistas em seus territórios, pois se tratava de uma nova alternativa de geração de renda e capaz de conservar os recursos naturais, a biodiversidade local e sua identidade cultural. (MALDONADO, 2009)

A exigência de que o aspecto econômico, que era considerado o mais importante, deveria incorporar outras dimensões, resultou em novas concepções na área do turismo. Além do turismo comunitário, novas práticas turísticas como o turismo solidário, turismo intercultural, turismo de natureza, ecoturismo, turismo durável, turismo de proximidade, turismo de memória e de história, turismo de valores, introduziram novas perspectivas para atividade (ZAOUAL, 2009)

A integração de várias modalidades exemplifica a nova realidade das dinâmicas do turismo. Como exemplo, o ecoturismo, não se resume apenas ao contato direto com a natureza conservada, mas também propõe o encontro entre práticas culturais diversas.

Portanto, empresas familiares, cooperativas e comunitárias propondo o encontro e o convívio, surgem em nível local, nacional e mundial, ampliando, assim, a diversidade da oferta no mercado turístico.

Coriolano (2009, p.68) sinaliza que

as atividades turísticas comunitárias são associadas as demais atividades econômicas, com iniciativas que fortalecem a agricultura, a pesca e o artesanato, tornando estas atividades preexistentes ao turismo sustentável. Prioriza a geração de trabalho para os residentes, os pequenos empreendimentos locais, a dinamização do capital local, a garantia da participação de todos, dando espaço também as mulheres e aos jovens.

No âmbito da América Latina, é possível encontrar iniciativas de turismo comunitário nos mais variados ecossistemas, principalmente naqueles capazes de reunir patrimônios naturais e culturais relevantes.

Devido a essas características intrínsecas, várias comunidades que residem nesses locais, têm no turismo uma alternativa econômica e possibilidade de inserção no mercado, criando produtos “autênticos” em função de seus atributos únicos.

De acordo com o exposto por Leal (2009, p.242) “cada vez mais os povos indígenas têm pensado na atividade turística como uma alternativa sustentável de desenvolvimento local, empreendida a partir de critérios estabelecidos pelos próprios grupos étnicos.”

Portanto, a partir do envolvimento comunitário, o turismo possui grande potencial de promover o desenvolvimento local de um território específico.

Tal como enfatiza Tenório (2007, p.73)

O desenvolvimento local procura reforçar a potencialidade do território mediante ações endógenas, articuladas pelos seus diferentes atores: sociedade civil, poder público e mercado. É importante destacar que a estruturação das propostas é realizada através dos atores locais, diferente de processos anteriores em que o planejamento tinha como principal característica a centralização das decisões.

O desenvolvimento local, não se resume apenas a priorização das variáveis econômicas, nesse processo as potencialidades intrínsecas de um determinado território também são consideradas.

Ao analisar essas características, é necessário ir além dos recursos naturais, mas também incluir aspectos como vocação trabalhista e produtiva da população, e fatores socioculturais como laços familiares, confiança entre os agentes produtores, grau de relacionamento entre as empresas, cooperação, costumes, tradições, religião, etnia, laços culturais. (Idem)

Essa abordagem tem como objetivo possibilitar a articulação entre os atores envolvidos e a inserção de seus empreendimentos associativos e/ou individuais, comunitários, urbanos e rurais, propõe uma nova dinâmica de integração socioeconômica, de reconstrução e fortalecimento do tecido social imerso na arena turística.



Quando concebido através de uma orientação não exclusivamente econômica, o desenvolvimento local é baseado nas relações sociais fundamentadas em sentimentos de pertencimento, seja a uma família ou comunidade.

Essas relações são fundamentadas em aspectos como reciprocidade, solidariedade, troca de bens e serviços, em uma perspectiva diferenciada da “lógica do mercado” e são definidos através de acordos democráticos e participativos.

Portanto o local, não se resume apenas a uma extensão territorial, mas também se apresenta como um espaço no qual, sentimentos são compartilhados e experiências vivenciadas, pois se trata de uma determinada comunidade representada através de uma cultura específica.

A Teoria dos Sítios Simbólicos de Pertencimento proposta pelo economista franco-marroquino Hassan Zaoual (2006), fornece uma importante contribuição para as questões referentes ao desenvolvimento local por meio do turismo ao propor que as influências externas ancoram-se em imaginários específicos e produzem múltiplas representações do fenômeno.

A matriz simbólica de um local determina como comportamentos individuais e coletivos se manifestarão como modelo de ação localizada e, conseqüentemente, em suas atividades econômicas.

Segundo a Teoria dos Sítios, a diversidade é algo onipresente e capaz de mudar o pensamento uniformizador. Uma localidade pode ser tão diversa quanto uma região ou até um país, pois cada território independente de sua escala possui uma grande variedade de sítios, resultado do conjunto de referências imaginárias, histórias e memórias, que muitas vezes são ocultados pela padronização dominante.

Portanto, por menor que um território possa ser considerado, e aparentemente, apresente homogeneidade em termos econômicos, culturais e históricos, à medida que se aprofundam as análises sobre esses mesmos aspectos, percebe-se que o território também é capaz de acrescentar a sua diversidade endógena herdada, os intercâmbios estabelecidos com o mundo exterior.

Ainda de acordo com exposto pelo autor, a apreensão das realidades de um território está vinculada ao lugar e de como é realizada. Portanto, essa observação será mediada através de crenças sociais e científicas pré-existentes, o que explica os equívocos comuns ocorridos em tais projetos, uma vez que, essas variáveis não são consideradas na concepção e desenvolvimento dos mesmos.

## **5. OS SIGNIFICADOS DO TURISMO NA LOCALIDADE E SUAS RELAÇÕES COM O DESENVOLVIMENTO LOCAL**

Os estudos sobre o turismo em áreas indígenas são importantes para compor um estado da arte sobre o tema e contribuir com futuras abordagens e intervenções. Acredita-se que entender os significados das atividades para os atores sociais envolvidos é imprescindível para alcançar tais objetivos.

### **5.1 Impressões do primitivo e desejo do “autêntico”**

Percebe-se que o modo de vida indígena é construído no imaginário do turista nacional e internacional, o que influencia significativamente as motivações e as escolhas dos viajantes.

Os turistas que assistiam as danças e rituais buscavam algo de primitivo. Por isso, em alguns casos as agências e alguns guias pedem para a comunidade não falar o português, mas sim o tucano, e insinuam que eles não têm arroz, feijão e macarrão, mas sim peixes, caças e farinha de mandioca, no entanto, na comunidade consomem-se muitos produtos industrializados.

Nestes casos chama-se atenção para a ideia de “vender o primitivo”, apesar de seu modo de vida atual se assemelhar muito com o modo de vida do “homem branco”.

Em um dos casos uma turista disse: “você é índio mesmo, né?”. Não foi possível investigar qual era seu imaginário sobre o que é ser um índio, mas o desejo de uma suposta “autenticidade” fazia-se presente.

No caso dos encontros com os indígenas, observa-se que alguns turistas construíram ao longo do tempo um imaginário do que é ser um sujeito indígena, com um estilo de vida simples e desconectado das facilidades contemporâneas. Este imaginário é percebido pelos índios, e em alguns momentos, os mesmos procuram confirmar tal expectativa.

Os guias de turismo parecem mais tendenciosos a mostrar o índio construído no imaginário e ainda afastado da civilização. Percebe-se que alguns turistas sentem-se atraídos em conhecer o ambiente por detrás da maloca e observam que os índios não moram em suas casas tradicionais e que tem geladeiras e fogões com botijão de gás.

Outros turistas comentavam frequentemente, o quanto os sujeitos que se apresentavam eram índios mesmo, não em relação a sua etnia, mas ao seu modo de viver. Alguns ao perceber a presença do pesquisador questionavam-no sobre as características do grupo, e o faziam demonstrando grande interesse e curiosidade. Percebe-se que muitos não gostam da realidade presenciada, pois talvez o passeio possa perder um pouco do seu caráter aventura e exotismo. Desse

modo, os índios os recebem de um modo “autêntico”, como artistas que na medida do possível procuram satisfazer a expectativa daqueles que os assistem.

## **5.2 Desenvolvimento local e a valorização da cultura**

O turismo realizado na comunidade indígena é percebido como uma oportunidade para a melhoria das suas condições de vida e de desenvolvimento local. Pois, um bem imaterial, o patrimônio cultural dos povos indígenas, é utilizado para “vender” uma experiência que pretende mostrar o índio construído no imaginário dos turistas. Assim como na perspectiva de Azevedo (2002) quando ressalta que a cultura pode tornar-se uma mercadoria.

Em função das restrições de uso da terra estabelecidas pela criação da RDS, a comunidade tem no turismo a principal atividade econômica, pois a proibição de grande parte das atividades tradicionais resulta na necessidade, de acordo com as palavras do coordenador da comunidade, de viverem da sua cultura para conseguir adquirir aquilo que necessitam e que desejam.

Nesse sentido, tem-se que o turismo pode proporcionar a valorização da cultura tradicional, tendo a consciência de que a mesma continua presente, mas ressignificada pelas interações sucessivas com os turistas, que ao buscar o “índio verdadeiro” acabam encontrando-o, pois como comenta Cohen (1988), toda vivência é uma encenação.

Tal situação torna os índios propensos a compartilhar um mundo de símbolos e significados quando aumenta o desejo de reconhecimento. Na fala dos índios, “vivemos para nossa cultura assim como ela vive para nós” percebe-se a cultura como propulsora da atividade turística ao revelar aspectos da vida tradicional indígena.

O turismo na comunidade caminha na perspectiva do desenvolvimento endógeno visto que utiliza as potencialidades naturais e culturais como um bem econômico e promove melhorias condições de vida para as populações envolvidas.

Percebe-se, portanto, que além das danças, com a intenção de utilizar a cultura como bem econômico, os indígenas oferecem caminhadas guiadas pela mata, explicação sobre as plantas medicinais e demonstração de algumas práticas tradicionais.

Por sua atividade turística como uma alternativa econômica encontra dificuldades, visto que parte dos entrevistados, referem-se à falta de conhecimento do setor, como um dos problemas a serem superados para garantir melhores condições socioeconômicas por meio do turismo.

De acordo com os depoimentos analisados, a atividade turística possui preferência em relação à roça, contudo os membros da comunidade apontam que existe dificuldade de se trabalhar com o turismo, devido à falta de público interessado nos costumes e conhecimentos tradicionais que possuem.

Percebe-se que os indígenas já possuem um contato com o vocabulário utilizado para legitimar algumas práticas de geração de renda por meios sustentáveis, pois salientam que o turismo pode promover o desenvolvimento sustentável das famílias, na medida em que mantêm a floresta conservada. Alguns se preocupam com o futuro dos filhos e pensam em cursos de informática, demonstrando que querem ser inseridos na sociedade contemporânea e suas “facilidades”.

Porém, apontam que existe a necessidade de melhorar o turismo e atrair um fluxo maior de turistas, visto que consideram atividade capaz de promover desenvolvimento para os povos indígenas através de suas manifestações culturais.

Para a comunidade, uma oportunidade de ampliação do turismo pode ocorrer em função da Copa do Mundo de 2014, visto que a cidade de Manaus, que será uma das sedes do evento, está distante cerca de uma hora de barco da RDS.

### **5.3 Comparações entre os modos de vida e admiração**

Os vários grupos de turistas se limitam a observar o ritual e o contato de maior intensidade acontece no momento da compra do artesanato e dança de integração onde se juntam ao grupo de índios como protagonistas do ritual, mas não são poucos os sussurros de admiração durante a apresentação “uau!” “nossa!” “belíssimo!”.

Alguns turistas, apesar do contato superficial, percebem sinais de que a comunidade indígena já compartilha elementos/objetos com o homem branco, com falas do tipo “isso aqui já é de branco”, ao observar um dos aspectos da junção de madeiras por pregos.

Outros turistas destacam que as casas atrás da maloca tradicional são semelhantes as quais os mesmos já estão acostumados, pois são feitas com os mesmos materiais que conhecem. Percebe-se neste momento certa nostalgia do primitivo e existe certa tendência de “criminalizar” os índios por terem cedido ao modo de ser e estar “alheios” a sua cultura tradicional.

### **5.4 Ritual no ritmo do capital**

O turismo é responsável por uma grande ambivalência, por um lado exalta o modo de vida primitivo, por outro, com a constante visita de grupos para assistir as danças e rituais ocupam todo tempo dos mesmos, não sobrando tempo suficiente para que se dediquem as poucas atividades tradicionais passíveis de realização. Os índios chegavam a fazer cinco rituais por dia de cerca de 30 minutos cada um e por mais aproximadamente 20 minutos vendiam artesanatos aos visitantes, considerando o tempo de preparação da pintura e das suas roupas pode-se pensar em cerca de 1h30 para atender cada grupo de visitantes.

Além de índios, eles possuem identidades relacionadas ao mundo do capital, são como eles mesmos se intitulam dançarinos e no “camarim” trocam a tinta preta tradicional do genipapu – que demora muito tempo para sair - por tinta artificial, cada apresentação custa 10 reais por pessoa, mas acabam tendo que negociar o preço.

Em alguns casos, o grupo indígena foi surpreendido quando estava realizando uma atividade cotidiana. Com a chegada de um grupo sem hora marcada, alguns deles rapidamente se caracterizaram para apresentação das danças que muitos tiveram que aprendê-la para “comercializá-la”

### **5.5 A migração dos povos indígenas**

De acordo com Oliveira (2007), a intensificação do turismo em territórios indígenas a partir do final da década de 1990, contribuiu para a mobilidade entre as populações indígenas e seus diferentes territórios.

Esse cenário também ocorre na comunidade da RDS do Tupé, devido recebimento de grupos de outras comunidades indígenas para trabalhar na recepção dos visitantes. Segundo os próprios membros da comunidade, a migração sazonal desses grupos gera a necessidade de realizar ensaios e uma espécie de treinamento para realizar as apresentações para os turistas. Percebe-se que a comunidade indígena do Tupé torna-se uma espécie “pólo turístico”.

Na descrição de um dos indígenas para os turistas, este ressalta que a comunidade é originária do distrito de Pari Cachoeira, no município de São Gabriel da Cachoeira, distante 1.800 km de Manaus, localizado na cabeceira do Rio Negro, próximo a fronteira com a Colômbia. A distância entre a localidade original e a atual exemplifica a mobilidade em função do turismo, uma vez que, não existia a possibilidade de se trabalhar com o a atividade em seu local de origem.

No Alto Rio Negro, de onde alguns membros da comunidade são originários, encontram-se vinte e duas etnias que se deslocam pela região a procura de melhor qualidade de vida, visando educação, saúde, comunicação e transporte, sendo a fixação do indígena na floresta realizada através centros que promovem a sua cultura, e que podem mostrar ao mundo seu respeito e a integração com o ambiente natural.

### **5.6 Trocas de experiências e sentimentos de “bem-estar”**

Um dos entrevistados faz distinção entre os turistas e os visitantes. Para ele, os visitantes por ficar pouco tempo na comunidade, de vinte a trinta minutos, não são capazes de trocar “ideias e aprendizagens”, devido à rapidez do encontro.

No entanto, entre os visitantes existem diferenciações, pois podem ser classificados entre aqueles que somente assistem os rituais e aqueles que também procuram os passeios em que são demonstradas as técnicas indígenas de sobrevivência na floresta.

Em contrapartida, em relação aos turistas que permanecem mais tempo na comunidade, o entrevistado aponta que existe troca de conhecimento e são pautadas por uma relação diretamente proporcional entre o tempo de permanência e o aumento das trocas de experiências.

Alguns indígenas atribuem ao encontro como um espaço de aprendizagem e sentem, segundo os mesmos, “gratificados” quando a visita proporciona um maior convívio com o turista passando a imagem de “bem-estar”.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O turismo comunitário indígena apresenta-se como um fenômeno marcado por múltiplos significados que influenciam o desenvolvimento do turismo de diversas formas.

O Centro Cultural Comunitário da RDS do Tupé oferece um resumo do histórico do mundo tradicional (cosmológico) indígena por meio de algumas danças. Atualmente o centro trabalha com três parceiros (Amazon Jungle Palace Hotel, WL Sistema Amazonense de Turismo e Fontur - Fonte de Amor e Turismo) e recebe cerca de 5.000 turistas por ano.

Tendo em vista a sustentabilidade do centro cultural e a diminuição da dependência do fluxo das agências e dos hotéis, os atores sociais pretendem melhorar a infra-estrutura básica e formatar novos produtos para os visitantes. Hoje o tempo de permanência do visitante na comunidade é de apenas 30 minutos. Estes, assistem as danças, conferem e compram alguns artesanatos e continuam seu roteiro visitando outros atrativos.

Tem-se, portanto, alguma “ênfase no ritual no ritmo do capital” e nas experiências superficiais. Contudo, os representantes da comunidade pretendem dar ênfase a troca de experiências para aqueles que procuram “algo mais”.

Para concretizar este projeto, foi formado no ano de 2011 a Associação Comunitária Indígena do Desenvolvimento Sustentável do Tupé que pretende captar recursos de empresas que queiram associar seu nome a questão da responsabilidade socioambiental ou junto aos possíveis editais lançados pelo Ministério do Turismo<sup>4</sup> e FUNAI.

---

<sup>4</sup> O Ministério do Turismo por meio de seu edital n.º 01/2008, atraiu cerca de quinhentas propostas de turismo de base comunitária de todo o Brasil, das quais cinquenta foram selecionadas por uma banca formada por representantes do Ministério do Turismo, por professores e pesquisadores de algumas universidades brasileiras e por consultores especialistas no tema.

Desse modo, os autores deste artigo participam em conjunto com a comunidade indígena do Tupé do projeto “Viva o Brasil, Viva o Índio”, que pretende garantir a preservação da cultura indígena, a sustentabilidade socioambiental por meio da geração de renda para as famílias da comunidade e a manutenção de um patrimônio genuinamente brasileiro e de grande relevância para manutenção da vida no planeta.

Acredita-se que esta atividade pode contribuir com o desenvolvimento local pautado nos saberes tradicionais indígenas. Um dos representantes da comunidade ao se referir ao turismo diz que atividade “faz com que os povos indígenas entendam melhor a preservar a natureza”, marcando a ideia das potencialidades da troca de experiência no campo do turismo, visto que a ideia de preservação da natureza é um concepção das sociedades modernas, urbanas e industrializadas (Diegues, 1996) que adotaram um padrão de vida considerado insustentável.

Portanto, para a comunidade o turismo em seu território, é considerado uma maneira de melhorar as condições de vida e não de “destruí-la”. Com o turismo, os índios não abrem mão da sua cultura e tampouco das facilidades contemporâneas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, J. Turismo cultural – traços distintivos e contribuição para o desenvolvimento endógeno. In: IRVING, M.A e AZEVEDO, J. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura.2002.
- BOORSTIN, D. **The image. A guide to pseudo-events in America**. Nova York: First Vintagebooks. Edition,1992. Cap. 3 “**From traveler to tourist: the lost art travel**”.
- BURNS, Peter M. **Turismo e antropologia: uma introdução**. São Paulo: Chronos, 2002.
- COHEN, E. “**Authenticity and commoditization in tourism**”. *Annals of Tourism Research*, v. 15, 1988.
- CORIOLOANO, L.N.M.T. **Arranjos Produtivos Locais do Turismo Comunitário: atores e cenários em mudança**. Coriolano. Fortaleza. EdUECE, 2009.
- DIEGUES, A. **O Mito da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- EMBRATUR. **Anuário estatístico Embratur – 2008**. Brasília: Ministério do Turismo/Instituto Brasileiro de Turismo/Diretoria de Estudos e Pesquisas, v. 33, 2007.
- GRABURN, N. **Existe uma Antropologia do Turismo? Tendências contemporâneas**. Campina Grande: ABANE, 2007.
- GRÜNEWALD, R, A. Turismo e o resgate da cultura Pataxó. In: **Turismo e Identidade Local: Uma Visão Antropológica**. BANDUCCI Jr, A.; BARRETO, M. Campinas. Papirus, 2001.
- HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa, Edições 70, 2008.
- LEAL, R.E.S. O turismo desenvolvido em territórios indígenas sob o ponto de vista antropológico. In: BARTHOLO, R.; SAN SOLO, D. G.; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária:**

**diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. cap. 13. p.240-248

MACHADO, O. V. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado: in BICUDO, M.A.V e ESPOSITO, V.H.S (Org). **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico.** Piracicaba: UNIMEP, 1994. P.35-46.

MACCANNELL, D. **The Tourist : a new theory of the leisure class.** New York: Schoken Books, 1976.

MALDONADO, C. O turismo rural comunitário na América Latina: gênese, características e políticas. In: BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. cap. 1. p.25-44

RABAHY, Wilson A. **Turismo e desenvolvimento.** Estudos econômicos e estatísticos no planejamento. São Paulo. Editora Manole, 2003.

OLIVEIRA, In: SEABRA, G. (Org.). **Turismo de Base Local: identidade cultural e desenvolvimento regional.** João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2007. cap. . p.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Código Mundial de Ética para o Turismo.** Disponível em:< [http://www.unwto.org/ethics/full\\_text/en/pdf/Brazil.pdf](http://www.unwto.org/ethics/full_text/en/pdf/Brazil.pdf)>. Acesso em: 23 de out. de 2009.

TENÓRIO, F. G. (Org.). **Cidadania e Desenvolvimento Local.** Rio de Janeiro: FGV; Ijuí: Ed. Ijuí, 2007 – 632 p.

VAN DEN BERGUE, P. **The quest for the other: ethnic tourism in San Cristobal, México.** Seatle/Londres: University of Washington Press, 1994.

ZAOUAL, H. **Nova Economia das Iniciativas Locais: uma introdução ao pensamento pós-global.** Rio de Janeiro: DP&A: Consulado Geral da França: COPPE/UFRJ. 2006

\_\_\_\_\_, H. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições? In: BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (Orgs.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras.** Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. cap. 3. p.55-75